

**CORA CORALINA E A REVANCHE DOS EXCLUÍDOS: NEGOCIAÇÕES
COM A ALTERIDADE DISCURSIVA NOS FIOS DA MEMÓRIA**

Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais

Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da vida
recria e poetiza sua própria
Vida
(Cora Coralina)

Escrever é saber que aquilo que ainda não está produzido na letra não tem outra residência, não nos espera como *prescrição* em qualquer τόπος οὐράνιος ou qualquer entendimento divino. O sentido deve esperar ser dito ou escrito para se habitar a si próprio e tornar-se naquilo que a diferir de si é: o sentido. (Jacques Derrida)

Na força *inaugural* da escritura, a liberdade de fazer surgir *o já lá no seu signo*. Eis os termos derridianos, em que qualquer sentido “inaugurado” pela escrita nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças.

Em perspectiva análoga, pode-se dizer, acerca da *identidade* – objeto contemporâneo à linguagem –, que a evidência *do que se é* também é incessantemente perturbada pela falta. É afetada pelo *outro*, assimilado às *singularidades nômades*, que pululam no caos, mas também às múltiplas e imperfeitas identificações do sujeito, mediado por saberes e poderes. Afeta-se, enfim, pelo inatingível da língua, ao *isso* que fala antes sem dizer: ao não-dito suposto dizível, passível de ser “restituído” pela interpretação.

A partir dos postulados da diferenciação / fragmentação do sujeito na “pós-modernidade” e da determinação do simbólico pela incompletude própria do *real*, este trabalho segue no encaixo do efeito identitário engendrado pela *narrativa de si* que se materializa nos textos de Cora Coralina. Para tanto, ele busca reconstruir o processo discursivo de convalidação das memórias subalternas, uma vez que essa discursividade abriga traços das formações sócio-históricas, que promovem sentidos de exclusão e comunhão com os

excluídos sociais. Tendo em vista que esses sentidos são instituídos como balizas da constituição identitária e dos posicionamentos do sujeito em relação a um *regime de enunciabilidade* (Cf. FOUCAULT, 2005), é preciso prestigiar-los na sua irrupção complexa, realizada no cruzamento da língua com a história e o sujeito. Assim sendo, este trabalho lança vistas sobre o fio discursivo constituído em alguns textos coralineanos, tomando-os como “circulações do cotidiano” – lugar de entrelaçamento da memória (o já-dito antes e em outro lugar) com uma atualidade (o dito aqui e agora). Em suma, as páginas seguintes buscam surpreender, no intradiscursoⁱ de algumas formulações – simulacro material do interdiscurso –, o jogo entre repetição e ruptura que desestabiliza efeitos de evidência dos sentidos e configura o complexo identitário nessa escrituração de si. Persegue-se, para tanto, um complexo de subjetividade, constituído na articulação das três ontologias foucaultianas (o *saber*, o *poder* e o *si*). Isso porque o efeito-sujeito produzido na relação do intradiscurso com o eixo interdiscursivo de um lado é determinado pelo saber e pelo poder, mas, por outro, escapa aos códigos de saber/poder, abrindo novos modos de existência (cf. DELEUZE, 2006).

Segue, pois, sob a égide da heterogeneidade da linguagem no fio do discurso, a desmontagem de um efeito-sujeito, erigido histórica e fragmentariamente, na articulação das três dimensões ontológicas especificadas ao longo do trajeto filosófico de Michel Foucault. A partir da interface da Análise do Discurso (leiam-se “diálogos e duelos” de Foucault e Pêcheux, reafirmados por Gregolin, 2004) com as teorias da diferença, apresentam-se, a seguir, os movimentos descritivos/interpretativos que inscrevem a constituição do efeito identitário numa dinâmica discursiva de reabilitação e distanciamento das memórias ordinárias.

Entre a história e a língua, a comunhão com os excluídos

Uma vez que, segundo Gadet e Pêcheux (2004), a discursividade é efeito da *língua sujeita à falha que se inscreve na história*, é preciso olhar para a heterogeneidade constitutiva do discurso, que instaura a segmentação da

posição-sujeito de porta-voz dos excluídos, assumida na poética coralineana. Assim sendo, cabe refletir sobre as descontinuidades de sentido e do efeito-sujeito, que se constituem simultaneamente à convalidação das identidades subalternas no canto “dos becos de Goiás”.

Movido por esse objetivo, este trabalho prestigia duas dimensões da constituição de um efeito-autor na poesia coralineana, a saber: o domínio da identificação com os excluídos sociais e, noutra direção, o plano da governamentalidade (Cf. FOUCAULT, 1993) e do controle sobre as vidas subalternas. Assim sendo, este artigo inicia pela análise do processo discursivo em que a trama das memórias subterrâneas, subvertendo a história oficial, dá lugar a identidades historicamente proscritas e simultaneamente transgride os arquivos privados, inscrevendo-os na dimensão sócio-econômica, até então inatingível. Em síntese, prestigia-se, aqui, a produção discursiva do efeito-sujeito transgressor, bem como das identidades minoritárias, convalidadas no âmbito da posição de porta-voz em comunhão com os marginalizados sociais. É o que se investiga a seguir, a partir da análise de formulações enunciativas balizadas por procedimentos de distribuição da informação, que são associados, pela teoria funcionalista e pela linguística textual, às noções de *dado* e *novo*.

Ao lado dos marcadores de modalidade e dos mecanismos de junção, esses procedimentos de organização textual (*estratégias de tematização ou rematização*, segundo Koch) se apresentam como categorias que propiciam a entrada “linguística” na materialidade focalizada por esta análise discursiva. A opção por tais categorias se deve à intuição de que elas ajudam a compor a regularidade de um processo discursivo, ao abrigar traços impressos na linguagem por uma determinada formação sócio-histórica.

Em razão da constituição epistemológica da Análise do Discurso, base teórica que sustenta este trabalho, a mobilização de categorias linguísticas, tais como as formas de *deslocamento de constituintes nos enunciados* (Cf. KOCH, 2007), se faz mediante um deslizamento no tratamento do dado e do novo. Em busca das rupturas que arregimentam um sentido (ilusório) de singularidade para o sujeito narrativizado na escrita coralineana, esta análise situa o dito e o já-dito perante o entrelaçamento indissociável da atualidade com a memória;

perante a ausência da separação entre passado e presente na instância do acontecimento. Nesse sentido, empreende-se uma análise das formulações concretizadas na sequênciaⁱⁱ:

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim

a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado...
Todas as vidas dentro de mim:

Na minha vida —

A vida mera das obscuras.
(Poemas dos Becos de Goiás, p. 32-33)

Pelo reiterado recurso do deslocamento de constituintes (nesses casos específicos, de uma rematização), sinaliza-se a relação das formulações em negrito com o *domínio de memória* (FOUCAULT, 2005) que participa da constituição do enunciado. Em: “**Vive dentro de mim** / a mulher do povo”; “**Vive dentro de mim** / a mulher da vida” e “**Na minha vida** / a vida mera das obscuras”, a colocação dos termos em relevo assinala a relação entre saberes distintos, instituída pela dissimulação de uma anterioridade (elementos do interdiscurso) ao longo do fio discursivo. Desse modo, os sentidos *dados* de “a mulher do povo”, de “a mulher da vida” e das “obscuras” são

reconfigurados, no momento mesmo de formação do discurso, sob a mediação pós-moderna do estético e dos micro-poderes que se exercem nos campos do gênero e da sexualidade. A essa descrição, articula-se a interpretação que reconhece não apenas o deslizamento do sentido – capaz de operar uma sacralização dos objetos (a mulher da vida / a mulher do povo / as obscuras) –, mas também o movimento de comunhão do sujeito discursivo com as identidades construídas. Apesar do risco de biografismo – capaz de operar o vínculo direto de Cora Coralina com a função de porta-voz das reivindicações subalternas (portanto, não suas) –, este trabalho depreende que, na lírica coralineana, o efeito-sujeito é simulado como aquele que canta os esquecidos. Configura-se, assim, a dinâmica de desterritorialização e de atualização de mundos possíveis – referida por Deleuze (2006) e implicada nas lutas contra a submissão da subjetividade, analisadas por Foucault ao longo do seu trajeto filosófico.

À maneira de uma regularidade da discursividade “escavada” neste estudo, a poesia autobiográfica de Cora Coralina convalida, portanto, pela via da monumentalização dos becos, uma construção identitária renegada ao esquecimento pela escrita tradicional da história. Um efeito de amálgama entre o sujeito discursivo e as identidades narrativizadas nesse “relato subalterno”ⁱⁱⁱⁱ se marca na superfície da sequência:

Eu sou a raiz ancestral,
perdida e desfigurada no tempo
obscura na terra
onde lutam, sobrevivem
e desaparecem todas
no esquecimento e no abandono.
(Meu Livro de Cordel, p. 53)

No encaço de interpretações atestadas pelos dispositivos de língua, que, por sua vez, se entrelaçam à esfera política, descrevem-se as formas de *junção*, demarcadas pelo uso de elementos conectores. Reconduzidos à

condição de materialidade gestada na discursividade do arquivo, esses procedimentos de sintaxe (que são abordados pela teoria gramatical como recursos de encaixamento de ideias inter-relacionadas) permitem reconhecer a regularidade de uma prática, constitutivamente perpassada pela dimensão histórico-ideológica. Desta contaminação mútua entre os tipos de junção conectiva – a) *aditiva*, expressa pelo operador *e*; b) *restritiva*, assinalada pelo relativo *onde*; c) *de delimitação*, veiculada pela contração *no* – e os aspectos interdiscursivos, deriva a paráfrase que imiscui o efeito-sujeito aos esquecidos da história.

Nesse sentido, leem-se, também, as derivas do mecanismo de topicalização, incluído por Koch nos casos de sequência tema/rema:

Meti o peito em Goiás
E canto como ninguém.
Canto as pedras,
Canto as águas,
As lavadeiras, também.
(Meu Livro de Cordel, p. 9)

Atravessada pela hibridez pós-moderna, que desafia permanentemente os limites do estético e do ordinário, esta sequência discursiva congrega o engajamento histórico e a experimentação intransitiva. Assim sendo, dá lugar a um tipo peculiar de subversão, que se reparte entre a transgressão do código – via figuração literária – e a desestabilização de dispositivos ideológicos inscrustados nas redes de memória. Com a topicalização do termo *as lavadeiras*, materializa-se um contradiscurso a instâncias ideológicas “externas”, que recusam legitimidade e valor social às identidades subterrâneas. Por conseguinte, instala-se a diferenciação do sujeito como porta-voz dos subalternos, sendo que, às “artes de fazer” (DE CERTEAU, 2007) dos obscuros, corresponde uma ordem de regularidade, paradoxalmente exposta à configuração singular do acontecimento.

Na esteira da interação estrutura/acontecimento, interpretam-se, ainda, os sentidos que se materializam na seguinte superfície discursiva:

Sombra da mata
Sobre as águas quietas
Onde as iaras
Vêm dançar à noite...
Não, mentira.
Façamos versos sem mentir.
– **Onde batem roupa**
As lavadeiras pobres.
(Meu Livro de Cordel, p. 65)

Novamente, pelo recurso da construção de tópico assimilada à rematização, delimita-se a relação do dizer “atual” com o domínio de memória. Entrecruzada a esta ocorrência de língua, desenvolve-se a imposição do interdiscurso sobre o fio do dizer, de modo que à alteridade, representada como alheia às privações dos excluídos (que se corporificam na *lavadeira*), contrapõe-se a defesa do reconhecimento desses sujeitos sociais. Tal efeito de sentido não se produz, contudo, à revelia de uma especificidade “pós-moderna”, caracterizada por Hutcheon (1991) como dinâmica paradoxal de inserção e subversão de premissas modernistas e realistas nas fronteiras do discurso. Afinal, tanto quanto reabilita a realidade social, via escrita das memórias, esta sequência também reitera a autorreflexividade literária, ainda que por meio da crítica ao fazer intransitivo, indiferente às vidas nômades: “Façamos versos sem mentir”.

Assim também nesta sequência, em que a focalização do “real” histórico se vê perpassada pela licença poética, típica da versão moderna da literatura:

Nossa Senhora
dos maus e dos bons.

Profundamente minha

porque de todos os anônimos

bichos e gentes.

(Meu Livro de Cordel, p.53)

A anteposição do termo “**Profundamente minha**”, que direciona sentidos para a qualificação do objeto (“Nossa Senhora”) na estrutura sintagmática, reativa um saber provindo de outro campo discursivo (a religião), constitutivo do *domínio de memória* do enunciado ativado na formulação. O saber-outro, que condiciona a proteção divina ao comedimento e a um determinado *trabalho sobre si*, integra o campo de memória do enunciado e participa – na condição de termo de uma relação discursiva de oposição – da constituição da figura de Nossa Senhora como protetora incondicional dos anônimos. Sob um efeito de institucionalização do campo literário como espaço privilegiado da lei da divisão dos sentidos, realiza-se, portanto, o jogo discursivo em que o enunciado figura como “nó em uma rede”, tal como concebido na arqueologia foucaultiana. Esse funcionamento, contudo, não impede o *olhar leitor* de depreender desta materialidade o batimento do fio discursivo com a evidência dada pelo pré-construído acerca do valor da provação no âmbito de uma discursividade (cristã) que atravessa o dizer. Integrada à leitura de base “arqueológica”, realiza-se a análise da articulação do interdiscurso com o fio do dizer, concretizando-se a perspectiva descritivo-interpretativa, impressa pelo atravessamento duplo da psicanálise e da história nos trabalhos mais recentes da Análise do Discurso.

No funcionamento discursivo, que integra determinados dispositivos sintáticos nessas sequências extraídas da obra de Cora Coralina, produz-se, portanto, o efeito de uma identidade libertária, que é constitutivamente atravessada por identificações de classe e cultura regional. Sendo assim, o efeito-sujeito plenamente identificado com as minorias, longe de ser uma essência assegurada *a priori*, se constrói, discursivamente, contemporaneamente ao dizer. Haja vista que o discurso é inevitavelmente dialógico, o sujeito constituído na escrita de Cora Coralina é, do mesmo modo,

fragmentado. Ele se configura, de fato, como uma contingência que se reparte entre a sacralização e o controle dos excluídos, visto que é composto em meio ao movimento de separação entre *o que se diz na* formulação e uma discursividade outra – “produzida” alhures e reativada do espaço do interdiscurso.

É dessa segunda regionalização do efeito-sujeito que se tratará a seguir.

“Técnicas de si” e controle das vidas dos *becos* (mas ainda a comunhão com os excluídos)

Conforme se vem assinalando neste trabalho, as narrativas dos *becos* dão lugar ao efeito de uma subjetividade libertária identificada ao feminismo prático, exercido, por exemplo, no espaço do lavadouro, que Perrot (2006, p. 203) define como “uma sociedade aberta de assistência mútua”. Todavia, e tendo em vista a impossibilidade do sujeito de escapar plenamente dos dispositivos do saber e do poder, irrompem, no seio mesmo do discurso de legitimação das memórias obscuras, efeitos de contra-identificação (mas não de desidentificação) com as minorias, constituídos nas formulações:

As lavadeiras nunca se cansam.

(...)

E uma me exemplou em preceito de fé:

“Graças a Deus que Deus ajuda muito os pobres...”

Foi tão profundo o conceito que fiquei sem entender.

(Vintém de Cobre, p. 154)

Com o deslocamento do constituinte oracional para o início do verso, demarca-se o movimento de disjunção do intradiscurso com a alteridade interdiscursiva. O índice da memória reativada, que enaltece a misericórdia divina e ratifica a necessidade da gratidão incondicional, é ressignificado no fio

discursivo, de modo que o efeito-sujeito se processa como dupla diferença: em relação a uma ordem social imposta (de resignação), mas também em relação a si mesmo, uma vez que se faz sempre na dispersão e na descontinuidade.

No âmbito das relações enunciativas que ratificam o trabalho de *constituição de si como sujeito moral*, analisa-se, ainda, a seguinte materialidade discursiva, extraída da escrita de Cora Coralina:

A vida é boa. **Saber viver é** a grande sabedoria.

Saber viver é dar maior dignidade ao trabalho.

(Vintém de Cobre, p. 166)

Aqui, ocorre a reiteração de um saber "exterior" ("A vida é boa"), que, no entanto, passa por um rearranjo, instituído na articulação entre o dito e o não-dito e é marcado na forma da anáfora que compõe a construção rematizada^v em: "**Saber viver é** a grande sabedoria" / "**Saber viver é** dar maior dignidade ao trabalho". Esse índice de organização da informação e de delimitação do foco na superfície discursiva abriga a relação do eixo horizontal de constituição do discurso com uma dimensão vertical, interdiscursiva, derivando sentidos para a contrajunção, parafraseável na afirmação de que *a vida é boa, mas apenas para aqueles que sabem conduzir-se*. Na mesma direção, a dinâmica paradoxal de incidência/deslocamento do interdiscurso no fio discursivo, demarcada na forma de inversão sintática das orações, estabelece o *trabalho* como centro da identidade produzida. Configura-se como efeito, na prática discursiva, uma identidade fortemente determinada pela imbricação da classe social com as lutas em prol do pertencimento cultural, empreendidas no contexto da pós-modernidade.

Tendo em vista o sentido de regularidade que permeia a prática discursiva investigada, depreende-se, nas formulações a seguir, um efeito semântico semelhante ao que foi "restituído", nas sequências anteriores, a partir da descrição/interpretação dos mecanismos de junção e deslocamento de constituintes/orações:

Eu sou a terra, eu sou a vida
Eu sou a grande Mãe universal.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.

E um dia bem distante

A mim tu voltarás.

E **no canteiro materno de meu seio**

Tranqüilo dormirás.

(Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, p. 210-211)

Na organização sintática dos versos, que concede relevo aos termos destacados, assinala-se o funcionamento em rede do enunciado, sendo que o dizer "atual" circunscreve a identidade merecedora da benevolência divina: o trabalhador resignado e identificado com a terra. A partir da tematização dos termos metaforicamente investidos ("**A ti**", "**A mim**", "**no canteiro materno de meu seio**", "**Tranqüilo**"), constitui-se a dinâmica enunciativa que situa as formulações "novas" perante uma anterioridade. Representado na enunciação como já-dito, esse dizer-outro é capaz de duvidar da Providência Divina ou de ignorar a preeminência do trabalho sobre outras configurações sociais que determinam as identidades.

Uma vez que as identidades sociais são construtos discursivos inacabados, que materializam a interpenetração das diferentes esferas da constituição do sujeito, este estudo focaliza o funcionamento da junção e da modalidade, que ajudam a instituir efeitos identitários na sequência:

Sou mulher operária e essa segurança me engrandece,
é o meu apoio e uma legitimação do que sou *realmente*.

(Vintém de Cobre, p. 53)

Da perspectiva do funcionamento discursivo, que relaciona a superfície da língua com as variáveis "externas" de constituição do discurso, é possível interpretar que as formas linguísticas referidas atuam no sentido da instituição de uma identidade feminina, entrecruzada com identificações operadas na

esfera da classe social. Esse sentido, com efeito, não se processa à revelia da relação do intradiscurso com uma memória discursiva, cujos vestígios se localizam no espaço inapreensível do interdiscurso. Entre a atualidade enunciativa e uma anterioridade/ulteridade dissimulada no eixo discursivo, reafirma-se a complexidade das identidades contemporâneas, à maneira de um mosaico identificatório que perpassa a construção do efeito-sujeito na sequência. Enfim, às vezes outras que ignoram (ou condenam) a constituição simultânea da identidade feminina nas esferas de gênero e classe, opõe-se uma discursividade *nova*, que legitima essa multiplicidade. Todavia, no momento mesmo em que proclama a fragmentação e a pluralidade da identidade feminina, o discurso inscreve (pela via do modalizador: "o que sou *realmente*") a subordinação dessa identidade à ética capitalista, voltada para a potencialização das forças produtivas.

Balizados também pelas marcas de modalização, emergem, nas seguintes formulações, pontos de deriva dos sentidos, que instalam o efeito-sujeito e a formação discursiva numa ordem de governamentalidade e cuidado de si:

Que pretendes, mulher?

Independência, igualdade de condições....

Empregos fora do lar?

És superior àqueles que pretendes imitar.

Tens o dom divino

de ser mãe.

(Vintém de Cobre, p. 190)

A partir da forma da interrogação e do uso das reticências, arrolados por alguns estudos descritivos da língua como possíveis marcas de modalidade, engendra-se o contradiscurso, que simula a alteridade discursiva à maneira do pré-construído em: "*Independência, igualdade de condições... Empregos fora do lar?*". Como resposta a um saber de cunho feminista, reativado e invalidado no intradiscurso, a prática discursiva impõe o efeito de recobrimento da

identidade feminina pela função da maternidade. Nesse movimento, reafirma-se a plataforma de aplicação do poder, que converge para o investimento político dos corpos (FOUCAULT, 1987) femininos e para a expulsão da mulher dos domínios da produção econômica.

Efeito semelhante se produz nesta sequência, em que, todavia, os mecanismos de controle produzidos *no* discurso convergem para a gestão identitária da mulher no plano da sexualidade:

Mulher, não te *deixes* castrar.

Serás um animal *somente* de prazer

E às vezes nem mais isso.

(Vintém de Cobre, p. 191)

Nas formas verbais do imperativo ("*deixes*"), do futuro do presente ("*Serás*") e no marcador de foco ("*somente*"), demarca-se, juntamente com um emprego modal dessas formas linguísticas, o efeito de injunção sobre uma determinada alteridade interlocutiva, representada no intradiscurso. Essa alteridade discursiva tem *seus* dizeres reformulados pela dinâmica discursiva que, sob o viés da figuração e da metáfora, institucionalizadas no campo da literatura, deriva sentidos outros para o exercício feminino da sexualidade. À construção identitária da mulher, instituída por um regime enunciativo exterior que incide no discurso pela via da memória, opõe-se o *ethos* do cuidado de si, assentado numa ordem de contenção e renúncia. Emerge, portanto, o jogo entre subjetivação e controle, visto que o trabalho sobre si, como bem adverte Foucault, *não está na grade do saber/poder, mas na sua torção íntima*.

Conforme este estudo tem assinalado, os procedimentos de subjetivação implicados numa escrita de si (FOUCAULT, 2006) como modo de relação consigo mesmo realizam-se, na poesia de Cora Coralina, a partir do espaço de cruzamento da língua com as suas "margens" discursivas. É o que se pode depreender da análise do funcionamento discursivo da sequência:

Vive dentro de mim

a mulher roceira.

Enxerto da terra,

Meio casmurra.

Trabalhadeira.

Madrugadeira.

Analfabeta.

De pé no chão.

Bem parideira.

Bem criadeira.

Seus doze filhos,

Seus vinte netos.

(Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, p. 32-33)

Além do reiterado mecanismo de inversão rema/tema, que movimenta o predicado para antes do sujeito em "**Vive dentro de mim** / a mulher roceira", importam, para esta análise, as formas que concretizam a junção dos termos qualificadores com o nome qualificado: *mulher*.

Tanto quanto o deslocamento sintático referido, o processo de junção, considerado na sua relação com a exterioridade constitutiva do discurso, ajuda a compor efeitos semânticos que se encaminham para a reabilitação de algumas identidades de gênero e classe, historicamente relegadas ao anonimato. É o que se interpreta, por exemplo, a partir da análise do encadeamento dos termos sublinhados ("**De pé no chão**" / "**Seus doze filhos**" / "**Seus vinte netos**") ao substantivo *mulher* (por sua vez, já modificado, no interior do sintagma "mulher roceira"). Na primeira ocorrência, o emprego da preposição ("De") constitui o que Neves (2000, p. 660 – 663) define como estabelecimento de relação semântica de *qualificação* no sintagma nominal (adjunto adnominal). Reordenada no espaço das margens históricas que a determinam no exercício da *função enunciativa*, essa forma linguística direciona sentidos para a legitimação (ou mesmo sublimação) de uma versão historicamente obscurecida das identidades feminina e de classe, figurativizada nas "mulheres de pé no chão". Entretanto, juntamente com o movimento em

que “o tecido memorial recusa e desconstrói o modelo de feminilidade fornecido pela cultura” (VIANA, 1995, p. 19), o funcionamento discursivo dá lugar, também, à convalidação de um ideário patriarcal de feminilidade. Sobretudo a partir da dinâmica intradiscursiva que, além da junção descrita acima, opera ainda a relação do termo (a mulher) com os modificadores (“Seus doze filhos” / “Seus vinte netos”) – o que é passível de ser restituído pela interpretação, apesar do apagamento do operador de junção (a preposição *com*). A omissão da preposição *com*, que, à semelhança da preposição *de*, também pode estabelecer relações semânticas no interior do sintagma nominal, participa, de fato, da fixação de uma identidade da mulher, tal como ela vem sendo desenhada ao longo da História. Na esteira do funcionamento estético da linguagem no texto literário (o que se concretiza, nesta sequência, pelo caráter lacunar da sintaxe em “Seus doze filhos” / “Seus vinte netos”), produz-se, com efeito, um sentido de reverência e enaltecimento da maternidade, fortemente articulado a uma plataforma de cuidado de si e governamentalidade.

Na esfera do trabalho sobre si podem se inscrever também alguns efeitos de sentido, constituídos pela articulação da seguinte formulação com a rede enunciativa que determina a produção do discurso:

Cede minha força de mulher de luta em dizer:
estou cansada.

(Vintém de Cobre, p. 235)

No jogo entre identidade e diferença (visto que o enunciado se faz *na* / se dá *para a* repetição, mas também inscreve a descontinuidade na ordem do discurso), engendra-se o furo em uma regularidade discursiva, que é agenciada pela posição-sujeito de porta-voz dos oprimidos. Especificamente, a regularidade da prática discursiva de legitimação das memórias minoritárias abriga uma fratura que o movimento de interpretação identifica a partir da descrição dos mecanismos de rematização (inversão da ordem tema-rema) e de encadeamento sintático na sequência.

O gesto descritivo/interpretativo desta materialidade reconhece a inversão sintática (em "Cede minha força de mulher de luta") e os processos de junção (em "mulher de luta" e "em dizer: estou cansada") como determinantes linguísticos de um efeito discursivo de disciplinarização, que é consistente com o regime de potencialização da força produtiva dos indivíduos modelados (Cf. FOUCAULT, 1993). Sem fazer crer numa coincidência entre os procedimentos *disciplinares* e os mecanismos de *controle* na trajetória de Foucault, esta análise identifica, na sequência analisada, efeitos de sentido que convergem simultaneamente para um *esquadrinhamento do movimento dos indivíduos* e para a subjetivação. Trata-se de sentidos identificados com "um sistema de individualização que se destina a modelar cada indivíduo e gerir sua existência" (REVEL, 2005, p. 30). No fio discursivo, a relação com o interdiscurso, demarcada pelas formas linguísticas referidas, reafirma o saber-outro, dissimulado como evidência (como pré-construído, que vincula a identidade feminina ao trabalho) no sintagma "mulher de luta", e, simultaneamente, rearranja os sentidos de uma alteridade discursiva que legitima o direito ao cansaço. Com a formulação, emerge a oposição entre o dito e a sua interface interdiscursiva, direcionando-se sentidos para a afirmação de que permitir-se o cansaço é negar a própria identidade, pautada (tal como o pré-construído "mulher de luta" faz crer) na persistência e na resignação. Enfim, e sob o agenciamento de uma posição de porta-voz comprometida com a formatação de si e das minorias narrativizadas, entrecruza-se a identidade feminina com a instância ideológica da classe, subordinando-as, por sua vez, à doação ininterrupta de si e à normalização dos processos de exploração econômica.

Considerações Finais

À maneira de uma provocação ao senso comum – que nos induz a *reconhecer* pacificamente as escritas "de baixo" como práticas de insurreição –, insiste, nos textos de Cora Coralina, uma multiplicidade de movimentos

enunciativos que simultaneamente endossa e perturba o reconhecimento da identidade "dessa" autora como *diferença*.

Movido por este incômodo, o presente trabalho se pôs à escuta de uma rede (inter)discursiva capaz de constituir um efeito-sujeito à revelia da mera reconhecimento de conceitos. Acreditando na produtividade de se expor os fundamentos da Análise do Discurso ao diálogo com um pensamento diferencial (cf. DELEUZE, 2006), desenvolveu-se uma "desmontagem" da ética pós-moderna que se entrelaça à construção discursiva de um efeito identitário na escrita analisada. Em direção oposta à restituição transparente de sentidos transgressores e/ou reacionários, empreendeu-se a visada interpretativa determinada, simultaneamente, pela postulação do *discurso como prática de subjetivação* (cf. FOUCAULT, 2004) e pela concepção da diferença como *singularidades nômades*, que, segundo Deleuze, presidem à gênese dos indivíduos.

A partir dessas postulações filosóficas e por meio da análise do funcionamento discursivo, este trabalho restituiu indícios de singularidade dessa escrituração de si. À luz da assertiva foucaultiana de que a regularidade de um saber emerge a partir de uma dada positividade, essa empresa discursiva sobre a construção do sujeito agrega os objetos analisados em um regime de formação. Inevitavelmente perpassado por uma rede de discursos-outros, a discursividade tomada como referência para esta análise do jogo intradiscurso/interdiscurso, que produz efeitos de sujeito na materialidade dos textos de Cora Coralina, rechaça o saber da história tradicional, predominantemente metafísico, dogmático, moral e racional. Nesse ínterim, legitima o intempestivo, pluralista, heterodoxo e múltiplo saber "pós-moderno". Mas, em razão da heterogeneidade discursiva e do caráter de fluidez que particulariza o "pós-moderno", o processo de formação do discurso de referência (reabilitador das memórias subalternas), e também do sujeito, inscreve, ao lado do que Deleuze (2006) denomina o "pensamento sem imagem", as não pouco conhecidas "imagens do pensamento". Disso decorre a já explicitada configuração paradoxal do efeito-sujeito perquirido. Repartido entre o *diverso* (dado pelas grades de *saber*) e a *singularidade pura*, esta

narrativa do eu abarca uma subjetividade que se gesta na oscilação entre a renúncia de si (permeada pelo controle das vidas nômades) e a constituição ética do sujeito como fim último para si mesmo. Como quis mostrar esta análise, o sujeito, assim como o discurso dominado, é tecido de discursos dominantes integrados a ele, de tal modo que as suas próprias fronteiras não são plenamente asseguradas.

REFERÊNCIAS

- COURTINE, J. J. *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*. In: *Langages*, 62. Paris: Didier-Larousse, p.9-127, 1981 (tradução de circulação restrita: Sírio Possenti).
- CUSSET, F. *Filosofia francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & CIA*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 13ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. A escrita de si. In: _____. *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª ed. 2006, p.p. 144-162.
- GADET, F. *La Double Faille*. Actes du Colloque de Sociolinguistique de Rouen, 1978.
- _____. & PÊCHEUX, M. *A língua inatingível. O discurso na história da Linguística*. Campinas/SP: Pontes, 2004.
- GREGOLIN, M. R. V. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2007.
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LEVY, T. S. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2003.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990, p-p. 311-318.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1995.

PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

VIANA, M. J. M. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

OBRAS ANALISADAS

CORALINA, C. *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*. 8ª ed. São Paulo: Global, 2001a.

_____. *Meu livro de cordel*. São Paulo: Global, 2001b.

_____. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2006.

^{i i} Na teoria discursiva que embasa esta análise, o *interdiscurso* é definido como: o eixo vertical onde residem os dizeres já ditos (PÊCHEUX, 1995), enquanto o *intradiscurso* seria: “o lugar em que se realiza a sequencialização dos elementos de saber, onde o desnivelamento interdiscursivo é linearizado” (COURTINE, 1981, s/p.).

ⁱⁱ Nas sequências que constituem a materialidade de análise deste trabalho, utilizam-se os seguintes recursos para destacar as formas analisadas: negrito (para as formas de organização da informação); itálico (para as formas de modalidade) e traço de sublinha (para destacar as formas que operam junção de elementos).

ⁱⁱⁱ Em Cusset (2008, p. 140), lê-se que, a partir de meados dos anos de 1980, surgiram divergências entre a ala histórica marxista e uma ala mais literária, direcionada, sobretudo, ao relato e ao enunciado subalternos.

^{iv} Em alguns de seus últimos trabalhos, sobretudo em *Uso dos prazeres*, Foucault analisou o movimento de subjetivação empreendido, na Antiguidade grega, como gesto simultaneamente ético e estético. Constituindo uma curvatura da força, que deu lugar a novos modos de existência, essa *dobrada da linha do fora* configura o trabalho ético sobre si, que faz da resistência à força uma estética (arte) da existência. Esse trabalho de “relacionar a força consigo mesma” (LEVY, 2003, p. 86), depreendido também nas sequências analisadas por este estudo, todavia, não se faz em prejuízo da constituição histórica da subjetividade. Especificamente porque, no âmbito das relações do sujeito discursivo com os excluídos que o discurso memorialista em questão delinea, a força não perde a sua propriedade de força.

^v Trata-se, neste caso, de uma ocorrência que aproxima a materialidade analisada e as sequências rema/tema típicas da linguagem oral. Embora realizado na modalidade escrita, o caso de rema anteposto se marca, também aqui, essencialmente por recursos prosódicos, reiterando a observação de que “a expressão do rema está sempre associada a algum tipo de proeminência entoacional”. Sem desmerecer as especificidades que demarcam distâncias entre os textos escritos e falados, a abordagem deste funcionamento, assinalado pela rematização, reitera o caráter fronteiro dos textos coralíneos, por

vezes instados numa ordem de escritura muito próxima da fala cotidiana, arrolada por de Certeau como *arte de fazer*.